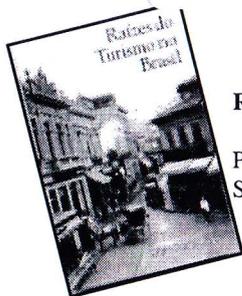


Resenhas

As resenhas foram desenvolvidas pelos alunos do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul)



RAÍZES DO TURISMO NO BRASIL (2001)

PIRES, Mário Jorge
São Paulo. Ed. Manole. 236 p.

Esta obra é o resultado da tese de doutoramento de Mário Jorge Pires junto à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). O autor é professor e coordenador do curso de Turismo da ECA/USP, criador do Centro de Estudo de Turismo Cultural e articulista de cadernos de turismo na grande imprensa.

A principal questão que o autor se propõe a responder é *se toda a precariedade que compõe a maioria dos serviços e parte da infra-estrutura ligada ao setor era resultante da crise brasileira das últimas décadas ou nela encontram-se raízes mais profundas.*

O livro é ilustrado com relatos de viajantes que estiveram no Brasil e com literatura, principalmente extraída de romances. Está organizado em cinco capítulos.

No primeiro, examina as transformações mundiais no ato de viajar a partir da segunda metade do século XIX, descrevendo as viagens e os viajantes, para resgatar os primórdios do turismo, fazendo referência às transformações ocorridas nos transportes, meios de hospedagens e viagens. Essas transformações ensejaram o aparecimento do hábito de viajar.

O capítulo 2, intitulado “O Início da Prosperidade na Região Sudeste do Brasil”, examina a abertura dos portos, assinalando o início da internacionalização do Brasil. Aborda as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro: as contribuições dos estrangeiros no Brasil; o trabalho e a prestação de serviços - o aparecimento tardio, a dificuldade e os problemas no desenvolvimento dos serviços no Brasil, entre eles, os serviços de hospedagem, suas características e seus problemas e a evolução dos transportes no Rio de Janeiro e São Paulo; e os primeiros locais de visitação como os passeios campestres, os banhos de mar e de água doce. Ainda descreve a expansão da lavoura cafeeira, que muito contribuiu para a transformação das cidades do Rio de

Janeiro e São Paulo, mostrando que os fazendeiros começaram a passar férias nessas cidades, impulsionados pelas ferrovias, porém, não em hotéis, mas sim em segundas residências.

O capítulo 3 aborda “A Presença de Viajantes Estrangeiros”. Os principais estrangeiros a visitar o Brasil ou mesmo residir por algum tempo foram os eclesiásticos, alguns aventureiros e cientistas, artistas, escritores, que vinham ao Brasil com interesse científico, comerciantes, engenheiros, jornalistas, viajantes em missões especiais e exilados. Porém são raros os exemplos de pessoas que vinham ao Brasil simplesmente para conhecê-lo. O autor discute a visão que as pessoas estrangeiras tinham do Brasil, sendo o assunto mais comum a vida dos negros e escravos. Também, na maioria dos relatos, há a idéia de uma terra estranha e pitoresca.

O capítulo 4 discute “A Questão da Hospitalidade”, tanto no campo quanto na cidade. Aborda as maneiras de hospedar e quem era hospedado; as características das hospedarias, revelando a precariedade, a improvisação, o funcionamento irregular, os péssimos serviços e, principalmente, os preços exagerados. Outros elementos descritos eram o rancho e os hotéis, narrando as condições de sua instalação, as suas características e os serviços prestados, demonstrando a presença de alguns hotéis de estrangeiros. O autor descreve ainda os primeiros hóspedes dos hotéis, que eram forasteiros e viajantes menos importantes, os quais não eram recebidos nas residências da elite local. Descrevendo a evolução dos meios de hospedagens, o autor chega aos “hotéis de categoria”, os quais devem ter contribuído para facilitar o desenvolvimento de viagens de “recreio”, porém o autor possui poucas informações a esse respeito, porque era a minoria que viajava por lazer e utilizava os serviços hoteleiros.

No último capítulo discute a “europeização” da elite brasileira que começou a ocorrer no início do século XIX e se deu através da importação de mercadorias e da visita a certas regiões da Europa. Primeiramente aborda os fazendeiros do Vale do Paraíba. O fluxo emissivo era diminuto, pois antes do século XIX o hábito de viajar não estava amplamente difundido, mesmo na Europa. As viagens mais comuns eram de estudo. Essa elite de fazendeiros estava arraigada ao passado, não possuía espírito empreendedor e era apegada a vida campestre. Não cultivaram o hábito das viagens. Aborda também os fazendeiros do Oeste Paulista e os Novos Capitalistas. Esses fazendeiros não tinham vínculos com o passado e eram mais empreendedores do que os primeiros. Do mesmo modo, os filhos desses fazendeiros estudavam na Europa, mas coube aos seus descendentes diversificarem os negócios e usufruírem da riqueza acumulada, adquirindo novos hábitos, entre eles as frequentes viagens ao Velho Mundo. Dessa forma, criou-se um fluxo emissivo sem precedentes na história do Brasil. Por último, o autor relata essas viagens da elite brasileira.

O livro apresenta, de maneira clara e ilustrativa, as raízes do turismo no Brasil, porém discute basicamente os relatos do Rio de Janeiro e São Paulo. Provoca no leitor a reflexão a respeito das atitudes dos brasileiros e dos problemas enfrentados no desenvolvimento do turismo. É recomendado para a compreensão da evolução do turismo e da hospitalidade no Brasil, tanto para alunos quanto docentes e profissionais da área.